

VIETNÃ – AS LIÇÕES FORAM APRENDIDAS?¹

“Vietnam: The missing will never be forgotten, their glory will live forever.”

CARLOS EMÍLIO RAFFO JR.
Contra-Almirante (RRm)

SUMÁRIO

Introdução
Aspectos políticos, diplomáticos e doutrinários
Fatores econômicos
Fatores sociais
Aspectos militares – estratégicos e táticos
Olhando para o futuro

INTRODUÇÃO

A frase em epígrafe pode ser lida em uma pintura que está colocada numa das paredes do corredor que liga o Luce Hall ao Conolly Hall, no prédio da Escola de

Guerra Naval dos Estados Unidos da América (Naval War College). Pode-se e deve-se inferir da leitura daquela frase que as lições foram aprendidas num conflito em que as glórias alcançadas são obscurecidas, até hoje, pelo fato que o

¹ N.R.: Este ensaio foi apresentado em 1989, quando o autor cursava o Naval Command College, no Naval War College, em Newport, RI, EUA. Na ocasião, toda a documentação sobre a Guerra do Vietnã tinha sido liberada e estava disponível para estudos, críticas e avaliações, há exatamente três anos.

A sociedade norte-americana se via surpreendida com os novos fatos que passava a conhecer sobre os anos de engajamento dos seus soldados no sudeste asiático.

O presente trabalho sofreu algumas atualizações, mas as afirmativas, críticas e conclusões constantes do texto continuam atuais e válidas.



Situação geral do Vietnã durante a participação americana

Vietnã foi a primeira derrota norte-americana em toda a sua história militar. Em nenhuma ocasião, as lições aprendidas são usadas se elas não foram corretamente utilizadas quando situações similares ocorreram anteriormente.

Aqui está a grande dúvida: As lições do Vietnã realmente provocaram mudanças na política, diplomacia e doutrina norte-americanas para o caso de acontecer uma nova insurreição no Terceiro Mundo? Pelo que se tem visto e observado em ocorrências posteriores (Líbano, Granada, Panamá, Golfo, Croácia, Kosovo, etc.), a resposta é negativa.

Para se analisar a razão dessa negação, pode-se seguir vários caminhos, com diferentes tipos de abordagem. Parece que uma boa abordagem será analisar-se o que aconteceu no Vietnã dentro do escopo dos quatro campos do Poder: Político, Econômico, Social e Militar. A reunião das lições que puderam ter sido aprendidas dentro daquele contexto mostrará, basicamente, que o grande erro norte-americano foi tentar enquadrar uma guerra revolucionária em uma moldura estratégica convencional e, a partir daí, seguir um conjunto de regras que pretendiam ser perenes e efetivas. **Em outras palavras, isto significou a primazia do conservadorismo sobre a criatividade.**

ASPECTOS POLÍTICOS, DIPLOMÁTICOS E DOUTRINÁRIOS

A política externa norte-americana, durante o século que está por findar², tem se

caracterizado por um permanente conflito entre as ações necessárias para que os Estados Unidos exercite sua liderança sobre o mundo livre e sua posição isolacionista, histórica e tradicional, onde o peso da opinião pública é fator muito importante.

Após a derrota francesa na Indochina, gradualmente, os governos norte-americanos aceitaram ajudar, na forma de assessoria militar, o governo sul-vietnamita na sua luta contra a guerrilha comunista – o vietcongue.

O Presidente Kennedy foi o primeiro a antever que o conflito no Sudeste da Ásia obrigaria uma participação mais efetiva dos soldados norte-americanos. No entanto, o

O grande erro norte-americano foi tentar enquadrar uma guerra revolucionária em uma moldura estratégica convencional

desastre da Baía dos Porcos e a Crise dos Mísseis em Cuba, juntamente com as declarações de Krushev em apoio às guerras revolucionárias, fizeram com que o presidente norte-americano hesitasse em aumentar o número das tropas do seu país no Vietnã.

Seus assistentes mais próximos, Dean Rusk e Robert McNamara, eram concordes com a Junta de Chefes de Estado-Maior, a qual adotou uma postura beligerante em consonância com alguns congressistas identificados como "Falcões".

Era necessário, no entanto, convencer a opinião pública e, através dessa, o Congresso, sobre a real necessidade de uma maior participação norte-americana no Vietnã. A indecisão era grande, o tempo estava passando e o vietcongue reforçava suas posições.

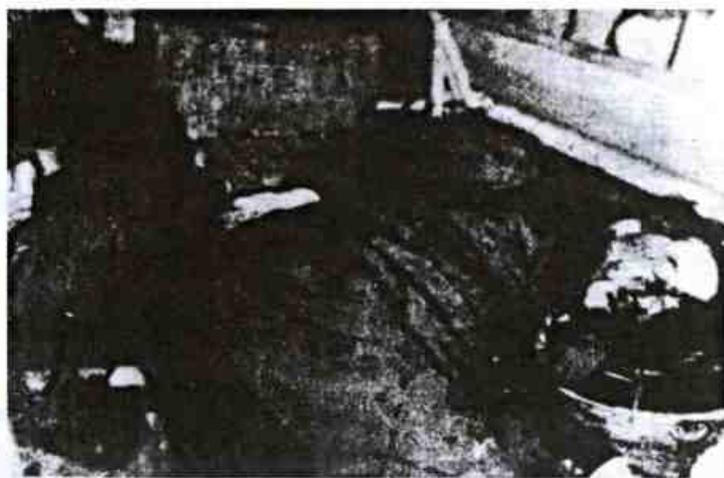
Como se isso não fosse o bastante, o governo sul-vietnamita, liderado pelo Presi-

² N.R.: O texto foi escrito em 1989 (vide pág. 151).



Tenente-Coronel Lucien Conein, agente da CIA que foi ligação com os generais que conspiravam para depor Diem. Seu contato principal foi o General Tran Van Don (centro). Ambos eram nascidos na França e amigos desde muitos anos

(Fotos de
*Vietnam, a
history, de
Stanley
Karnow,
Pequim
Books*)



Os corpos de Dien e Nhu na parte traseira de um carro blindado para transporte de pessoal, no qual eles foram assassinados por dois oficiais rebeldes, após as suas capturas em 2 de novembro

Johnson, logo após ter assumido a presidência em 1963, com seus consultores sobre Vietnã (esquerda para direita): Embaixador Lodge, Secretário de Estado Rusk, Secretário de Defesa McNamara e George Ball, auxiliar do Secretário de Estado



Após o assassinato de Diem, o programa *strategic hamlets* foi rompido pelo vietcongue ou pelos próprios camponeses. Este "hamlet" no Delta do Mekong foi abandonado por seus habitantes



Em 7 de fevereiro de 1965, após o ataque vietcongue à base norte-americana cerca de Pleiku, na região montanhosa central do Vietnã do Sul, Johnson revidou com ataques aéreos ao Vietnã do Norte



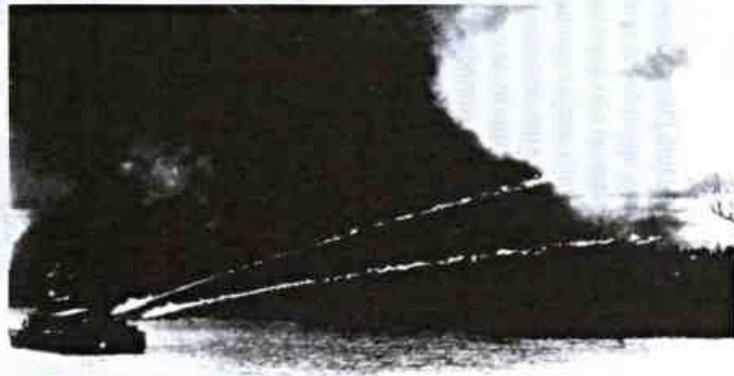
Um soldado norte-americano tenta se aproximar de um companheiro ferido. Ao contrário de guerras anteriores, o conflito no Vietnã não era lutado em linhas de frente. Os norte-americanos podiam ser feridos ou mortos por terroristas inimigos em qualquer lugar, na área rural ou dentro das cidades

(Fotos
Vietnam,
a history
ex. inf.
dir.)

Um grande protesto contra a Guerra do Vietnã foi realizado em frente ao Pentágono, em outubro de 1967. A demonstração irritou e perturbou o Presidente Johnson



Uma embarcação de assalto fluvial, operando no Delta do Mekong, utiliza seu lança-chamas contra possíveis posições vietcongues, em dezembro de 1968



dente Ngo Dinh Diem, constantemente elogiado pelas autoridades norte-americanas, que não viam ou não queriam ver que aquele país estava sendo conduzido de forma ditatorial, para um destino obscuro, além da alta corrupção que tomava conta e era praticada pelas altas camadas da sociedade local, incluindo-se, é lógico, os políticos.

À época, os funcionários do governo norte-americano tinham diferentes opiniões sobre o que estava se passando naquele país do sudeste asiático. O governo norte-americano, então, decidiu favorecer indiretamente um golpe de estado contra o Presidente Diem, que foi assassinado em 2 de novembro de 1963.

Isto provocou um vácuo de poder no Vietnã do Sul, simultaneamente com o assassinato do Presidente Kennedy, a assunção do governo norte-americano por Lyndon B. Johnson e o contínuo fortalecimento das posições da guerrilha comunista, já agora ostensivamente apoiada pelo governo do Vietnã do Norte. **Este tinha legitimidade política e os seus objetivos políticos eram perfeitamente definidos: unificação do Vietnã como um estado independente sob o regime comunista.**

A nova administração norte-americana, sob o comando do discutido Presidente Johnson, um homem de posições definidas, decide engajar-se, com todos os meios disponíveis, na Guerra do Vietnã, e, em 1968, 500 mil soldados norte-americanos estavam lutando no Sudeste da Ásia uma guerra sem sentido para eles, pois não sabiam, pelo menos, porque estavam lá.

A política norte-americana, Congresso e opinião pública, continuavam hesitantes,

ora autorizando maior participação norte-americana, ora lastimando-se dos custos e das perdas humanas, pedindo que os soldados norte-americanos voltassem para casa. O controle político da situação era tão tênue que o resultado foi a escalada do conflito, com cada vez maior engajamento de tropas, bombardeio aéreo sobre o Vietnã do Norte, participação ostensiva das tropas regulares norte-vietnamitas, expansão da guerra para o Camboja e Laos, e o uso de bases aéreas na Tailândia.

A administração Nixon, após ter sido abalada pelo escândalo Watergate e sob a pressão dos movimentos pacifistas, decide iniciar as negociações para por um fim na guerra, ao mesmo tempo em que começa a

retirar as tropas norte-americanas do Sudeste Asiático. Em meados de 1972, o Exército Sul-Vietnamita lutava praticamente sozinho uma guerra já perdida.

As indecisões políticas durante o período 1960-1972 causaram uma falha ou vácuo político que não permitiu aos Estados

Unidos conduzir suas ações no Vietnã de uma forma metódica e coerente, com o apoio do Congresso e da opinião pública.

FATORES ECONÔMICOS

O tremendo poder econômico norte-americano, fundamentado nos seus recursos humanos e materiais quase inexauríveis, foi virtualmente drenado para o Vietnã, durante o período da guerra. Bilhões de dólares foram gastos na ajuda ao governo sul-vietnamita, na operação e manutenção das tropas e na tentativa de reconstruir o que estava sendo destruído pela guerra.

Um erro comum na cultura norte-americana: somente o dinheiro não é capaz de modificar o comportamento do povo, sendo, muitas vezes, razão de humilhação

Aqueles bilhões de dólares não foram capazes de quebrar o objetivo de vencer dos norte-vietnamitas, nem de levantar o moral das tropas norte-americanas, já cansadas de uma guerra sem sentido. Mais do que isto, todo aquele dinheiro não foi capaz de fazer com que o povo sul-vietnamita acreditasse que suas condições de vida pudessem melhorar.

O esforço conhecido como "Construção de uma Nação" ("Nation Building") resultou apenas em um pequeno incremento na cultura vietnamita.

Aqui pode-se identificar um erro comum na cultura norte-americana. Somente o dinheiro não é capaz de modificar o comportamento do povo, sendo, muitas vezes, razão de humilhação.

Numa guerra revolucionária, onde o fator pobreza está sempre presente, o excesso de generosidade normalmente causa um impacto mais negativo do que positivo.

FATORES SOCIAIS

Não seria arriscado se afirmar que é neste campo do poder que se concentra um dos mais importantes fatores de uma guerra revolucionária. Considerando-se os objetivos ilimitados, dentro de um conflito de duração não determinada, a preocupação para chegar-se às mentes das pessoas deve ser uma meta desde o primeiro momento.

O centro de gravidade de uma insurreição é o povo. Assim, é sobre ele que todo o peso da propaganda, do terror, da ajuda material e da campanha ideológica será colocado. Isto começa nos primeiros momentos de uma insurreição, quando esta ainda está limitada a apenas um foco de guerrilha.

Normalmente, o governo de uma nação que está para se envolver em uma guerra revolucionária ou o país que dá apoio àquele governo percebe muito tarde que as mentes do povo já estão contaminadas pelas idéias revolucionárias. Isto é o que se costuma chamar de "surpresa psicológica". O único caminho para se evitar essa surpresa é manter um serviço de inteligência em permanente alerta para identificar ações revolucionárias no campo social. O governo, então, poderá gerar uma atividade de contra-informação, por meio de ações práticas e efetivas, mostrando ao povo que é o poder constituído que pode dar-lhe o melhor apoio.

... dentro de um conflito de duração não determinada, a preocupação para chegar-se às mentes das pessoas deve ser uma meta desde o primeiro momento

Não é fácil manter-se, em caráter permanente, um serviço de inteligência (informações e contra-informações), principalmente em tempos de paz. É exatamente nesse ponto que os Estados Unidos e quase todas as nações falham, pois é comum descansar-se sobre as glórias passa-

das e imaginar que todos estão satisfeitos com o *status quo*. Haverá sempre alguém descontente e quando essas insatisfações atingem o nível de insurgência, é muito tarde para se tomar as ações efetivas de contraposição. Nesse particular aspecto, o Vietnã não foi diferente das outras guerras revolucionárias que se sucederam após a Segunda Guerra Mundial. A única exceção foi a insurgência na Malásia, onde o eficiente Serviço de Inteligência britânico, desde o início, conduziu muito bem as contra-operações psicológicas.

Após a derrota francesa na Indochina e a Conferência de Genebra, em 1954,



(Figuras 3, 4 e 5,
de Vietnam, a
history)



Figura 1 – Um carro de combate do 11º de Cavalaria do Exército norte-americano entra em ação durante a luta na Zona de Guerra “C”, em abril de 1967

Figura 2 – Vietnã foi o primeiro conflito no qual helicópteros foram empregados de forma maciça. Esta fotografia mostra tropas do 50º de Infantaria desembarcando dos seus UH-1D, próximo a Bong Son, durante ação em outubro de 1969

Figura 3 – A maior revolução que se abateu sobre o Vietnã do Sul durante a guerra foi a do consumismo. As ruas de Saigon ficavam apinhadas de mercadorias vendidas por operadores do mercado negro, desde cigarros e vaporizadores para cabelos até armas; a maioria das mercadorias era furtada dos depósitos norte-americanos

Figura 4 – Para a maioria das tropas norte-americanas em combate, a Guerra do Vietnã era uma movimentação sem fim através de campos alagados de arroz e trilhas emaranhadas na selva em busca de um inimigo ardiloso. Na maior parte das vezes, os soldados eram mais atormentados pelo calor e pelas anguissugas do que pelos comunistas

Figura 5 – Um médico norte-americano examina uma criança camponesa; um dos muitos projetos de ação cívica realizados pelas tropas norte-americanas



quando os norte-americanos deram apoio ao governo sul-vietnamita contra a guerrilha comunista, ficou claro que as ações guerrilheiras seriam dirigidas no sentido de persuadir os camponeses, pois sem o apoio desses não existe guerrilha no campo. Os norte-americanos deixaram nas mãos dos sul-vietnamitas as contra-operações psicológicas. Na tentativa de isolar os camponeses da guerrilha vietcongue, o Governo Sul Vietnamita construiu cercados fortificados, chamados *strategic hamlets*; mas essa medida contrariou muito os camponeses, pois estes não aceitaram ser retirados de suas aldeias nativas

para os novos locais. Quando as tropas norte-americanas iniciaram suas ações no campo social, já era muito tarde. Os camponeses não tinham confiança em face do que tinha acontecido antes. E o que foi pior: o vietcongue aproveitou-se das benfeitorias introduzidas pelos norte-americanos, cuja presença naquelas áreas foi tão curta que a ajuda tornou-se inconsistente.

Um serviço de inteligência deve ter permanência na ação nas áreas insurgentes e as contramedidas devem ter início tão logo se tenham as primeiras notícias de que uma guerra revolucionária está iniciando. **A mobilização é permanente e o custo muito alto, mas uma ação psicológica bem feita pode derrotar uma insurgência no seu nascedouro.**

ASPECTOS MILITARES – ESTRATÉGICOS E TÁTICOS

A guerra revolucionária caracteriza-se por ser uma guerra não convencional, de longa duração e usa a mobilidade da guerrilha como a chave do sucesso. A preparação e o treinamento da guerrilha tem início muito tempo antes das ações começarem. Desta forma, para se lutar contra um movimento clandestino que leva vantagem das facilidades do terreno, da assistência dos camponeses e do apoio logístico local, é necessário utilizar-se os mesmos métodos e táticas.

Antes de tudo, as tropas a serem usadas contra os insurgentes devem ser de grupo étnico semelhante ao da guerrilha. Os norte-americanos tentaram isto até 1964, usando os sul-vietnamitas, mas de forma incorreta pois os orientavam e assessoravam para conduzir a luta de forma convencional. Quando as tropas norte-americanas engajaram-se em um conflito já conhecido, continuaram lutando-o como uma guerra convencional.

É verdade que é difícil dissimular um “John Wayne” entre vietnamitas, mas a guerrilha tem que ser enfrentada com seus próprios métodos, por piores que possam ser para a cultura ocidental.

O posicionamento norte-americano de lutar uma guerra revolucionária de forma convencional, principalmente após o General William C. Westmoreland ter assumido o comando dos efetivos norte-america-

A guerra revolucionária é uma guerra suja onde os galões e uniformes são trocados por chapéus de palha e pijamas pretos (como no Vietnã). A guerrilha tem que ser enfrentada com seus próprios métodos, por piores que possam ser para a cultura ocidental

nos e sul-vietnamitas, mostrou-se desastroso. Todas as operações levadas a efeito – “Attleboro, Junction City, Flaming Dart, Rolling Thunder, Linebacker 1 2” – o foram de acordo com táticas convencionais e mesmo que algumas delas tenham resultado em vitórias táticas, os comunistas obtiveram vantagem no campo estratégico.

A guerra revolucionária é uma guerra suja onde galões e uniformes são trocados por chapéus de palha e pijamas pretos, como no Vietnã. As forças contra-revolucionárias que sabem como lutar usando as mesmas táticas e armas empregadas pelos guerrilheiros, devem se manter prontas para serem empregadas.

No entanto, isto tem um alto custo e é muito difícil recrutar homens para se tornarem profissionais de uma guerra sem escrúpulos. Sterling Cottrell, funcionário do Departamento de Estado norte-americano, afirmou, de forma muito clara, o seguinte sobre a Guerra do Vietnã: “A guerra

estava sendo travada nos vilarejos, onde as forças militares estrangeiras não podem vencer”.

Um outro bom exemplo como as forças norte-americanas não estavam preparadas para uma campanha militar não convencional foi a ofensiva vietcongue do Tet (ano novo lunar). A ofensiva começou em fins de janeiro de 1968, com o cerco de 3.500 fuzileiros navais norte-americanos e algumas unidades sul-vietnamitas em Khe Sahn. A manutenção do cerco falhou e os defensores foram liberados por uma formação especial da Cavalaria do Exército norte-americano, que rompeu o sítio. A ofen-

siva do Tet foi, para a Frente de Liberação Nacional, uma derrota que teve o sabor de vitória, pois ficou patente para a sociedade norte-americana que, apesar de todos os esforços e sacrifícios, os comunistas ainda mantinham a iniciativa das ações. Em termos de operações militares, as lições a serem aprendidas estavam claras. **Apesar disso, o pensamento conservador dos militares norte-americanos conduzia para que estivessem prontos para uma guerra convencional, condenava a guerra revolucionária e, por causa disto, aqueles incorreram nos mesmos erros na próxima vez que tiveram de intervir. Líbano é um bom exem-**

plo de lições não aprendidas.

OLHANDO PARA O FUTURO

A guerra revolucionária foi a realidade da segunda metade do século XX e, talvez, continuará a ser neste século. Os exemplos de insurreições após a Segunda

Guerra Mundial foram muitos: Grécia, Filipinas, China, Indochina, Argélia, Congo, Angola, Moçambique, Cuba e, mais recentemente, Nicarágua, Salvador, Afeganistão, Croácia e Kosovo. Os Estados Unidos estavam ou estão envolvidos, direta ou indiretamente, em todos esses conflitos, a maioria deles em países do Terceiro Mundo.

Na verdade, as lições do Vietnã ainda estão longe de terem sido aprendidas e o que aconteceu na Nicarágua refletiu exatamente que a mentalidade norte-americana e, por vezes, a ocidental ainda não mudaram. Na sociedade norte-americana, existe um grande sentimento con-

Haverá sempre alguém descontente e quando essas insatisfações atingem o nível de insurgência, é muito tarde para se tomar as ações efetivas de contraposição

tra a intervenção no que, normalmente, é entendido como a guerra dos outros. Entretanto, em consonância com o que até aqui foi exposto, os Estados Unidos e outros países importantes no concerto das nações deveriam:

● **Campo Político:** estabelecer uma política permanente a respeito de guerra revolucionária, independentemente dos políticos e da administração corrente emanada do governo central;

● **Campo Econômico:** considerar que as ajudas econômicas, desde o início da insurgência, devem estar condicionadas ao nível de corrupção do governo que pode ser ajudado. É preferível ajudar pequenos grupos do que um governo que não demonstra

confiança. Nesse caso, no Afeganistão, a lição parece ter sido bem aprendida;

● **Campo Social:** manter um serviço de inteligência permanente em todas as áreas do mundo onde podem ocorrer, potencialmente, guerras revolucionárias; isto permitirá estar a frente nas ações militares e talvez poder evitá-las por meio de ações psicológicas; e

● **Campo Militar:** estabelecer uma estratégia para guerra revolucionária, suficientemente flexível para ser adaptada a qualquer área de conflito; não ter táticas preestabelecidas e manter as forças contra-revolucionárias prontas para serem empregadas e capazes de lutar da mesma forma que a guerrilha, usando os avanços tecnológicos a seu favor.

Não existe manual ou lista de verificação a ser seguida na condução de uma guerra revolucionária. Deve-se estar bem informado onde tal tipo de guerra pode ocorrer, tentar evitá-la por meio de ações psicológicas e, se tudo falhar, lutá-la com as mesmas armas e táticas do inimigo, mantendo uma estratégia flexível, bastante diferente daquela que se aprende nas escolas militares.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRA>/ Guerra Revolucionária /; Guerra do Vietnã;

BIBLIOGRAFIA:

1. KARNOV, Stanley. *Vietnam – a History*. New York: Penguin Books, 1984, 752 p.
2. KREPINEVICH JR., Andrew F. *The Army and Vietnam*. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 1986, 160 p.
3. NATKIEL, Richard. *Atlas of American Wars*. Greenwich, CT: Bison Books Corp., 1986, 160 p.
4. UNITED STATES Information Agency. *This is America*. Washington, DC: s/d, 103 p.

ERRATA (Continuação da pág. 150)

COLÉGIO NAVAL, 50 ANOS DE ENSINO DE EXCELÊNCIA
(RMB 1^otrim/2001, pág. 30)

ANEXO D

RELAÇÃO DE DIRETORES E COMANDANTES DO COLÉGIO NAVAL

NR.	NOME	ASSUNÇÃO
01	CMG Alberto Jorge Carvalho (+)	30/01/51
02	CMG Mário Costa Furtado de Mendonça (1) (+)	04/05/51
03	CF Mauro Balloussier (Interino) (+)	25/04/53
04	CMG Arnaldo Toscano (+)	18/05/53
05	CMG Fernando Carlos de Mattos (+)	29/12/54
06	CF Aprígio Brandão de Carvalho (Interino) (+)	18/02/56
07	CMG Zilmar Campos Araripe Macedo (2) (+)	06/03/56
08	CMG Jurandyr da Costa Muller de Campos (+)	15/02/57
09	CMG Aldo Pessoa Rebello (+)	20/02/59
10	CF José Julio de Souza Gomes Galvão (Interino)	04/03/61
11	CMG Mário Geraldo Ferreira Braga (+)	16/05/61
12	CF Paulo Pedro Pragana (Interino) (+)	10/10/62
13	CMG Arnaldo de Negreiros Januzzi	28/11/62
14	CMG Hélio Marroig de Mello	09/01/64
15	CMG Affonso José Pereira	30/06/65
16	CMG Ney Parente da Costa	30/09/66
17	CMG José Calvente Aranda	08/03/68
18	CMG Paulo Freire	17/07/69
19	CF Milton Marciano (Interino)	26/03/71
20	CMG Marcy Aroldo Gomes de Brito	13/04/71
21	CMG Hugo Stoffel	02/02/73
22	CF Carlos Augusto da Silva Figueira (Interino) (+)	30/04/74
23	CMG Milton Ribeiro de Carvalho	30/08/74
24	CMG Jelcias Baptista da Silva Castro	01/07/75
25	CMG Fernando Luiz Pinto da Luz Furtado de Mendonça (+)	25/02/77
26	CMG Paulo Cordeiro de Mello Filho (3) (+)	08/03/79
27	CMG Hilton da Silva Sobrinho (4)	25/05/81
28	CF Francisco Fernandes da Rocha (Interino)	21/04/82
29	CMG Milton Marciano	26/07/82
30	CF Antonio Constantino Conti de Oliveira (Interino)	02/05/84
31	CMG Maurício Halpern	14/09/84
32	CMG Mário Augusto de Camargo Ozório	24/04/86
33	CMG Odilon Luiz Wollstein	18/04/89
34	CMG Paulo Cesar de Paiva Bastos	10/05/91
35	CMG Roberto Ciminelli	05/08/93
36	CMG José Eduardo Pimentel de Oliveira	28/04/95
37	CMG Marco Polo Áureo Cerqueira de Souza	31/03/97
38	CMG Edison Lawrence Mariath Dantas	19/02/99

Observações:

Para todo Diretor/Comandante, exceto para o primeiro, a data de assunção de comando corresponde à data de passagem de comando do antecessor.

(+) – Falecido;

(1) – Primeiro Diretor em Angra dos Reis;

(2) – Foi Ministro da Marinha;

(3) – Primeiro Diretor ex-Aluno;

(4) – A partir de 01/10/81, o Diretor passou a ser chamado de Comandante.